

Concorrentes assistiram à morte de Guzmán

César Luís Granados Guzmán foi morto às 20h de 22 de outubro de 89 quando saiu de sua firma, Revisão Serviços Gerais, com Luiz Carlos Sertão e Otávio Alves Neto. Os três conversavam na frente da empresa quando um homem moreno de estatura mediana surgiu, deu boa noite e tirou o 38 escondido num jornal. A arma falhou duas ou três vezes antes que dois tiros atingissem Guzmán no peito. Sertão e Otávio não reagiram. O pis-

toleiro teve a calma de se abaixar e dar o tiro de misericórdia.

Os dois empresários só se moveram quando o pistoleiro sumiu. O motorista Carlos Mendes de Carvalho chegou no carro de Guzmán e ajudou os dois a levarem o peruano, num Santana, até o Hospital de Base, onde erraram a entrada do pronto-socorro. Quando acharam a porta certa, Guzmán já estava morto. Ninguém — nem Sertão, nem Otávio, nem o motorista, nem o vigia da empresa, por quem o assassino

passou a cerca de 40 metros — sabe descrever o pistoleiro. O motorista e o vigia, porque “estavam muito distantes”. Os empresários, não se sabe por quê.

Algumas contradições deixaram a polícia intrigada:

■ O gerente da empresa, Washington Ferreira, estava apavorado depois do crime e disse ao advogado Allan Brasil que também seria morto. Pouco depois, Allan o encontrou na 3ª DP, conversando animadamente com Sertão e um policial.

■ Washington disse que não participou da concorrência do Ministério da Marinha, no dia seguinte, porque a viúva de Guzmán, Elvira Parada, não permitiu. Elvira afirma que é mentira.

■ Washington disse à polícia que dormiu em casa, mas ele passou a noite, e o dia seguinte ao crime, na casa de Sertão.

■ No dia do crime, Sertão telefonou duas vezes para Guzmán. Ligou para um número que, segundo Elvira, nem ela nem o marido lhe haviam dado. (C.F.)